

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Diogo Freze Pinho

**A IMPORTÂNCIA E O LIMITE DOS RECURSOS FINANCEIROS SEGUNDO A OBRA “A
POLÍTICA” DE ARISTÓTELES.**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Prof. Dr. Raul Francisco Magalhães.

Juiz de Fora
2017

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **DIOGO FERREZE PINHO**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201373350A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **A IMPORTÂNCIA E O LIMITE DOS RECURSOS FINANCEIROS SEGUNDO A OBRA “A POLÍTICA” DE ARISTÓTELES**, desenvolvido durante o período de DATA DO INÍCIO DO TCC a DATA DO FINAL DO TCC sob a orientação de RAUL FRANCISCO MAGALHÃES, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 07 de dezembro de 2017.

DIOGO FERREZE PINHO

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

A IMPORTÂNCIA E O LIMITE DOS RECURSOS FINANCEIROS SEGUNDO A OBRA “A POLÍTICA” DE ARISTÓTELES.

THE IMPORTANCE AND LIMIT OF FINANCIAL RESOURCES ACCORDING TO ARISTÓTELES
"POLITICS" WORK.

Diogo Freze Pinho¹

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo fazer uma breve análise da importância e do limite dos recursos financeiros de acordo com o livro 1 da obra "A Política" de Aristóteles acompanhada do artigo "Aristóteles e a metafísica do dinheiro" realizado pelo professor Jadir Antunes. Classificado pelo autor como um meio estabelecido através de uma convenção com o objetivo de facilitar a troca sendo sua validade mantida por lei, o dinheiro esta limitado a ser um meio, sua colocação como fim é digna de censuras, pois contraria as maneiras de aquisição natural.

PALAVRAS-CHAVE: Dinheiro. Meio. Riquezas naturais. Fim.

ABSTRACT

The purpose of this work is to develop a brief analysis about financial resources importance and your boundaries, according to the book 1 of the work "Politics" of Aristotle, accompanied by the article "Aristotle and the metaphysics of the money" produced by professor Jadir Antunes. Classified by the author as a way established through a convention with the purpose of facilitating the exchange, being its validity maintained by law, money is limited as being a way, and your placement as an end deserves censure, because it contradicts the natural acquisition of things.

KEYWORDS: Money. Way. Natural wealth. End.

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: diogofreze@yahoo.com.br. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Raul Francisco Magalhães.

1. INTRODUÇÃO

O trabalho pretende demonstrar a importância e o limite dos recursos financeiros de acordo com o livro 1 de "A Política" buscando enfatizar o valor do dinheiro apenas como um meio convencionado que fora da convenção perde sua validade e condenar seu emprego como finalidade sendo desta maneira o recurso financeiro limitado a um meio.

Para isso transcorreremos pelas noções de propriedade aos meios de aquisição no seio da natureza que prove todas nossas necessidades começando pela perspectiva de alimentação a obtenção de utensílios básicos para sobrevivência de acordo com a cultura.

Analisaremos o surgimento das trocas com o excedente como necessidade e a geração da moeda para facilitar seu manejo se tornando um meio para que as trocas fossem realizadas. A partir de então ressaltaremos as novas formas de adquirir diante do aparecimento da moeda e apreciaremos os modos de aquisição natural e artificial para dar molde a nosso trabalho.

No decorrer de nossa ideia percorreremos cronologicamente os seguintes tópicos do livro 1 de "A Política" : "Da Propriedade e dos Meios de Adquiri-la"; "A Aquisição Natural ou 'Economia'"; "A Aquisição Artificial ou 'Crematística'"; "Apreciação dos Dois Modos de Aquisição" e "Algumas Maneira Praticas de Adquirir" junto a recortes da obra do professor Antunes a fim de proporcionar embasamento a nossa análise.

Aristóteles em sua obra "Ética a Nicomaco" aborda "o dinheiro na sua obra moral" (ANTUNES, 2015 p.90). Porém iremos nos abster a obra "A política" para realização de nosso trabalho.

2. A PROPRIEDADE E OS MEIOS DE AQUISIÇÃO NATURAL

Na passagem relativa a propriedade e os meios de adquiri-la, buscando estabelecer uma noção de propriedade, o autor se refere ao talento para obter algum bem vinculando-o a arte militar ou da caça.

"O talento para adquirir um bem difere claramente da ciência do governo ou da do serviço. Parece-se mais com a arte militar ou com a caça." (A Política, p.18/19)

Com a intenção de facilitar o desenvolvimento de sua teoria, Aristóteles propõe uma reflexão sobre os exemplos da arte de fazer lançadeiras e da arte de fundir estátuas com a diferenciação de instrumento e matéria, meio e fim.

"A arte de adquirir bens será idêntica à ciência do governo doméstico? Faz parte dela ou será apenas um de seus meios? E, caso seja apenas um de seus meios, será como a arte de fazer lançadeiras serve à do tecelão ou como a forja do bronze serve à arte do fundidor de estátuas? Pois não é o mesmo gênero de trabalho, já que uma dessas artes só fornece o instrumento e as outras, só a matéria. (Entendo por matéria aquilo de que se faz a obra, como a lã para o fabricante de tecidos e o bronze para o fundidor de estátuas.)" (A Política, p.19)

Tendo em consideração que é necessário saber de onde vêm as riquezas e os bens a fim de obtê-los, o autor reconhece que a diferentes propriedades.

"se para adquirir for preciso saber de onde vêm as riquezas e os bens de todos os gêneros, não podemos deixar de reconhecer um grande número de propriedades diferentes." (A Política, p.19)

A propriedade também esta ligada às formas de governo em Aristóteles, moldando a perspectiva dos governantes. A oligarquia se dá pela ambição dos grandes proprietários que se veem em posição de poder e passam a governar para seu próprio benefício. A Democracia, composta por não proprietários que desejam condições dignas de vida gerando certa instabilidade pelas revoltas. Já o Governo Constitucional, formado por uma base de médios proprietários que por receio de perderem seus bens tem tendência a não serem ambiciosos

nem revoltosos, estabelece-se como uma forma de equilíbrio entre oligarquia, governo dos grandes proprietários, e democracia, governo dos não proprietários.

No entanto a relação entre propriedade e as formas de governo em Aristóteles é outro tema que necessita ser aprofundado. Como nosso trabalho é referente mais aos meios de adquirir do que a propriedade em si, prosseguiremos com a análise cronológica dos tópicos da obra a fim de concluir o que foi proposto.

Em sequência ao nos apresentar a aquisição Natural ou 'Economia', Aristóteles se refere à aquisição dos meios básicos para a sobrevivência começando pela ideia de alimentação.

"Existem várias espécies de alimentos, e esta diversidade introduziu vários gêneros de vida, tanto entre os homens quanto entre os outros animais. Pois não se pode viver sem alimentos. Ora, é sua diversidade que torna dessemelhante o gênero de vida dos animais. (...) A natureza, portanto, distinguiu seu gênero de vida conforme a espécie de alimentos e a facilidade que têm para obtê-los." (A Política, p.19)

A partir dessa referencia o autor expõe diversas maneiras de interação com o meio ambiente relativas a forma como os objetos necessários para a sobrevivência são adquiridos pelas pessoas de acordo com a facilidade, a necessidade, o prazer ou a fantasia.

" a maioria dos homens tira seu alimento do seio da terra e vive de seus frutos, adoçados pela cultura. Numa palavra, existem tantos gêneros de vida quanto operações naturais para obter viveres, sem contar os que se adquirem por troca ou compra. Vida pastoral, vida agrícola, vida aventureira baseada nas capturas da caça ou da pesca, todos estes são gêneros que se misturam e se combinam na maior parte dos povos, conforme a necessidade, a fantasia ou o prazer, para suprir através de um a falta do outro, sendo tal povo pastor e salteador, tal outro agrícola e caçador, ou vivendo conforme a necessidade." (A Política, p.20)

"Segundo Aristóteles, a natureza dotou o homem de diferentes modos de aquisição da riqueza. Entre eles estão o nomadismo, a pesca, a caça, inclusive de escravos, a pirataria e a agricultura. Estes diferentes modos de aquisição da riqueza, determinados pela necessidade, formam também diferentes modos de vida humana." (ANTUNES, 2015, p.91)

Desta exposição Aristóteles extrai mais facilmente as noções de aquisição natural visto que no seio da natureza existe um leque de possibilidades para obtenção de "diversas utilidades" a sobrevivência.

" Da mesma forma, a natureza proveu as suas necessidades depois do nascimento; foi para os animais em geral que ela fez nascerem as plantas; é aos homens que ela destina os próprios animais, os domesticados para o serviço e para a alimentação, os selvagens, pelo menos a maior parte, para a alimentação e para diversas utilidades, tais como o vestuário e os outros objetos que se tiram deles. A natureza nada fez de imperfeito, nem de inútil; ela fez tudo para nós. "(Política, p.20)

E atribuindo a "as maneiras naturais de adquirir as coisas necessárias ou uteis a vida" o valor de verdadeiras riquezas, Aristóteles ainda afirma que elas representam apenas instrumentos que servem para sustentação da vida.

"As verdadeiras riquezas são essas; não é difícil determinar a quantidade necessária para o bem-estar.(...)quer nas casas particulares, quer nas lojas públicas as riquezas naturais são apenas um acervo de instrumentos para sustentar a vida humana. "(A Política, p.21)

3. A AQUISIÇÃO ARTIFICIAL

Na continuidade de sua obra, agora na parte relativa a "A Aquisição Artificial ou 'Crematística'" o autor identifica outra espécie de bens ou meios que alguns acabam por confundir com riquezas naturais devido a certo tipo de afinidade entre elas, mas que se distancia por ser "produto da arte e da experiência".

" existe também um outro gênero de bens e de meios que comumente chamamos, e com razão, especulativo, e que parece não ter limites. Alguns confundem com as riquezas que acabamos de falar, por causa da sua afinidade. Embora elas não estejam muitos distantes, não são a mesma coisa: as primeiras são naturais enquanto as segundas são um produto da arte e da experiência "(A Política, p.21)

E Antunes confirma-nos:

"Em relação aos produtos, Aristóteles explica que cada artigo pode ter um duplo uso. Primeiro como objeto de uso e segundo como objeto de troca. Nos dois casos, o produto funciona como riqueza em seu sentido natural e original (ANTUNES, 2015, p.91)"

A fim de justificar tal afirmativa Aristóteles prossegue nos dizendo que pelos diversos tipos de relação com o meio ambiente uns acabam possuindo mais do que precisam em comparação a outros, por isso cada coisa por nós possuída além de ser consumida pode também ser usada para a troca sem repugnar sua natureza. O professor Antunes também enfatiza.

"(...) cada coisa que possuímos tem dois usos, dos quais nenhum repugna a sua natureza; porém, um é próprio e conforme a sua destinação, outro desviado para algum outro fim. Por exemplo, o uso próprio de um sapato é calçar; podemos também vendê-lo ou trocá-lo para obter dinheiro ou pão, ou alguma outra coisa, isto sem que ele mude de natureza; mas este não é o seu uso próprio, já que ele não foi inventado para o comércio. O mesmo acontece com as outras coisas que possuímos. A natureza não as fez para serem trocadas, mas, tendo os homens uns mais, outros menos do que precisam, foram levadas por este acaso à troca." (Política, p.21)

"Ao lado das formas naturais e dos modos naturais de aquisição da riqueza, existe uma segunda forma que, ainda que não se identifique diretamente, a elas não se opõe completamente. É a forma de aquisição através da troca"(ANTUNES, 2015, p.91)

E revela-nos que apenas depois das propriedades serem separadas, a troca de fato torna-se necessária para satisfazer nossas necessidades.

"A troca era um expediente necessário para proporcionar a cada um a satisfação de suas necessidades. (...) Tornou-se necessária apenas nas grandes sociedades e após a separação das propriedades." (A Política, p.21/22)

Desse modo o estágio inicial de trocas recíprocas corresponde apenas a uma maneira inventada pelos humanos para conseguir melhorias de vida no sentido de amplitude de bens úteis a sobrevivência que "não é contrário à natureza nem é um modo de enriquecer" (ANTUNES, 2015, p.92). Posteriormente proporcionou o surgimento de uma moeda de troca em primeiro plano a fim de facilitar o transporte de bens que poderiam ser trocados ou não de acordo com a necessidade de cada um como sugere o autor.

"Trata-se de um gênero de comércio que não está nem fora das intenções da natureza, nem tampouco é uma das maneiras naturais de aumentar seus pertences, mas sim um modo engenhoso de satisfazer as respectivas necessidades. Foi esse comércio que, dirigido pela razão, fez com que se imaginasse o expediente da moeda. (...) Estabeleceu-se, portanto, dar e receber reciprocamente em troca algo que, além de seu valor intrínseco, apresentasse a comodidade de ser mais manejável e de transporte mais fácil (...)." (A Política, p.22)

"O dinheiro, nesta fórmula, tem sua gênese a partir da mercadoria, sendo empregado para facilitar o intercâmbio de produtos e em vista do consumo humano" (ANTUNES, 2015, p.93)

Uma nova forma de adquirir surge após o aparecimento da moeda. Visto que o dinheiro é um meio de adquirir riquezas para satisfazerem nossos desejos, uma enorme quantia do mesmo relativamente significa poder tomar posse de muitos bens supostamente satisfatórios. Porém, Aristóteles nos lembra através do exemplo do rei Midas, de que os recursos financeiros não te livram de morrer de fome pois o dinheiro é um meio fixado por uma espécie de convenção sendo seu valor mantido por lei.

"Na medida em que as trocas se expandem para além das fronteiras da família, da tribo e da pólis, chegando até as trocas internacionais, às trocas com o Mediterrâneo, surge, naturalmente, a necessidade do dinheiro como meio convencional de troca. Com o objetivo de facilitar as trocas(...) Por este aspecto simbólico, Aristóteles advoga o caráter convencional do dinheiro. (ANTUNES, 2015, p.93)"

"Tendo a moeda sido inventada, portanto, para as necessidades de comércio, originou-se dela uma nova maneira de comerciar e adquirir. (...) De fato, comumente se faz consistir a riqueza na grande quantidade de dinheiro. No entanto, o dinheiro é somente uma ficção e todo seu valor é o que a lei lhe

dá. (...) Mesmo se se tiver uma enorme quantidade de dinheiro, não se encontrarão, por meio dele, os mais indispensáveis alimentos. Ora, é absurdo chamar "riquezas" um metal cuja abundância não impede de se morrer de fome; prova disso é o Midas da fábula, a quem o céu, para puni-lo de sua insaciável avareza, concedera o dom de transformar em ouro tudo o que tocasse." (A Política, p.22/23)

Aristóteles, afirma que as verdadeiras riquezas são naturais, que só elas podem ser objeto da ciência econômica e que o comércio não tem outro fim nem outro elemento se não o dinheiro, um meio convencionado. Como qualquer arte esta limitada ao seu fim e se consoma quando alcança este ultimo termo, logo, o comércio, tendo como único elemento o dinheiro, não apresenta um limite, uma vez que seu fim se torna também o seu meio. Não produzindo, portanto nenhum recurso para sociedade.

"As verdadeiras riquezas são as da natureza; apenas elas são objeto da ciência econômica. A outra maneira de enriquecer pertence ao comércio, profissão voltada inteiramente para o dinheiro, que sonha com ele, que não tem outro elemento nem outro fim,(...)cada um dos meios de cada arte tem seus limites e está consumado quando chega ao seu fim, isto é, ao último termo que deve alcançar. O fim a que se propõe o comércio não tem limite determinado. Ele compreende todos os bens que se podem adquirir; mas é menos a sua aquisição do que seu uso o objeto da ciência econômica; esta, portanto, está necessariamente restrita a uma quantidade determinada."(A Política, p.23)

Como pode nos confirmar o professor Antunes:

"A partir do surgimento do comércio, temos então, diz Aristóteles, duas formas de existência da riqueza. De um lado, temos a riqueza em sua forma verdadeira, produtiva e de acordo com a natureza, e de outro, temos a riqueza em sua forma antinatural e improdutiva, pertencente ao comércio e, por isso, sem espaço na natureza. Nesse novo tipo de riqueza, para o qual a moeda é o fim da transação, não haverá limites para a quantidade a ser acumulada." (ANTUNES, 2015, p.94)

O dinheiro pode ser usado de dois modos, trata-se de uma aquisição em cima do que já foi produzido ou aumento em cima de si mesmo. Um modo consiste em comprar e revender coisas por um valor mais alto e outro em emprestar o dinheiro e recebe-lo com juros após determinado prazo, diz Aristóteles.

"O dinheiro serve-lhes para dois usos análogos e alternativos: um, para comprar as coisas e revendê-las mais caro; outro, para emprestar e retirar, após o prazo estabelecido, seu capital com juros. Estes dois ramos do seu tráfico não diferem, como se vê, senão porque um interpõe as coisas para aumentar o dinheiro, enquanto o outro o faz servir imediatamente ao seu próprio aumento." (A Política, p.23)

4. APRECIÇÃO DOS DOIS MODOS DE ADQUIRIR

Ao decorrer de sua obra o autor busca apreciar os dois tipos de aquisição, começando com a afirmação de que é necessário a natureza fornecer nosso sustento para que então o homem possa ser movido pela economia, dando mais uma vez importância ao que de fato serve de instrumento para sobrevivência, as riquezas naturais.

"(...) assim como a política não faz os homens, mas os recebe da natureza e se serve deles, assim também é preciso antes, para que a economia possa administrá-los, que a natureza forneça nosso sustento, ou do seio da terra, ou do mar, ou de qualquer outra maneira." (A Política, p.24)

Portanto o autor nos confirma que a maneira de adquirir naturalmente através trabalhos rústicos que é a real merecedora de valor, já as artificiais que não recebem da natureza, mas da convenção são merecedoras de repúdio e censuras

"Assim, das duas maneiras de adquirir e de se enriquecer, uma pela economia e pelos trabalhos rústicos, outra pelo comércio, a primeira é indispensável e merece elogios; a segunda, em contrapartida, merece algumas censuras: nada recebe da natureza, mas tudo da convenção. O que há de mais odioso, sobretudo, do que o tráfico de dinheiro, que consiste em dar para ter mais e com isso desvia a moeda de sua destinação primitiva? (...) neste caso, é a moeda que torna a trazer moeda, gênero de ganho totalmente contrário à natureza."(A Política, p.25)

Em outro tópico, o de "Algumas Maneiras praticas de adquirir" retoma a excelência dos trabalhos rústicos deixando a entender que são dignos pela naturalidade em que a busca pela sobrevivência se da e não em algum tipo de virtude aproveitando-se de uma convenção.

"Dentre estes diversos trabalhos, os mais excelentes pela arte são os que menos devem ao acaso; os mais baixos, os que mais sujam o rosto e as mãos; os mais servis, aqueles em que o corpo trabalha mais do que o espírito; os mais ignóbeis, os que não requerem nenhuma espécie de virtude." (A Política, p.26)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como previsto passamos pelos tópicos "Da Propriedade e dos Meios de Adquiri-la"; "A Aquisição Natural ou 'Economia'"; "A Aquisição Artificial ou 'Crematística'"; "Apreciação dos Dois Modos de Aquisição" da obra a política de Aristóteles analisando desde seu entendimento da origem da propriedade como bens e riquezas naturais, buscando compreender a aquisição em primeira instancia na procura do homem pelo seu alimento no seio da natureza até a obtenção de qualquer utensilio a vida.

Este tipo de aquisição para o uso capaz de subsidiar a sobrevivência é de fato objeto da ciência econômica.

De acordo com as facilidades, desejos e culturas , seja por meio da caça, pesca, agricultura ou pastoreio, uns acabaram por conquistar mais determinados tipos de bens que outros o que leva a uma segunda maneira de utiliza-los além do próprio consumo sem repugnar sua natureza, a chamada troca. Primeiro as trocas eram reciprocas buscando satisfazer respectivas necessidades pelo que faltava a uns e sobrava a outros, posteriormente para que pudessem ser facilitadas tanto no manejo quanto no transporte de supérfluos que poderiam ou não convir a outras pessoas, uma moeda de troca foi expedida.

Com o surgimento da moeda, aparece uma nova forma de adquirir a partir de sua utilização e serve-se dela de duas maneiras diferentes. Uma utiliza dos recursos já produzidos, consistindo em adquirir bens por um determinado valor em moeda e repassa-los por um valor acima do que lhe foi dado. Outra utiliza da própria moeda para se multiplicar, emprestando certa quantia e recebendo uma quantia maior após algum tempo. Porém Aristóteles nos reforça que por mais que seja uma maneira geral de pensar que grande quantia de dinheiro consiste em riquezas, o valor do dinheiro é fruto de uma convenção e que fora da lei, ele não nos impede de morrer de fome.

Ao trazer um pouco para atualidade, um exemplo esclarecedor é que por mais dinheiro, recursos financeiros, que se tenha não é possível adquirir algum bem de certo estabelecimento comercial que esteja fechado.

A arte de aquisição que tem o dinheiro como seu fim não tem limites e toda arte esta limitada ao seu fim, sendo consumada quando o alcança. Portanto, o dinheiro enquanto meio convencionado de importante papel em facilitar o transporte e manejo das trocas esta restrito a ser um meio, sua postulação como fim que cria maneiras artificiais de adquirir contraria a ordem da natureza em relação à aquisição e é digna de ódio e censuras.

"Segundo Aristóteles, a passagem da circulação simples e natural (M-D-M) à circulação capitalista e antinatural de mercadorias (D-M-D) não teria lugar na ordem natural das coisas, mas, sim, na prática humana, nos vícios da alma e nos desejos descontrolados de certos homens pela acumulação de riqueza." (ANTUNES, 2015, p.95)

Por varias vezes o autor sustenta a ideia de que as verdadeiras riquezas são as naturais, pois é necessário que primeiro a natureza forneça o nosso sustento para que depois a economia possa administrar os homens.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Jadir. **Aristóteles e a metafísica do dinheiro**. *Problemata: R. Intern. Fil.* v.6, n. 3(2015), p 85-110 ISSN 2236-8612doi:
[HTTP://dx.doi.org/10.7443/problemata.v6i3.24802](http://dx.doi.org/10.7443/problemata.v6i3.24802)

ARISTOTELES. **A política**. Disponível em:
http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/marcos/hdh_aristoteles_a_politica.pdf